

NEY MATOGROSSO

ONTEM, HOJE E SEMPRE

O tempo não pára

Nada mais me remete ao tempo em que vivi em Brasília. Não existe mais nada. Quando falo desse tempo, falo da primeira passagem, de 1961 a 1966. Passei esse tempo todo aqui. Uma vez por ano saía, mas morria de saudade de Brasília e ficava emocionado quando sobrevoava a cidade na volta. Mas agora está tudo muito diferente. Estamos falando de um lugar que previa 500 mil habitantes... Agora ela virou uma *cidade*. Havia uma coisa solidária entre as pessoas, bem no começo, e numa *cidade* não tem isso. As pessoas se ajudavam, davam carona.

Andar

A questão dos grandes espaços que existem entre uma quadra e outra, o que para muito gente era problema, para mim não foi. Você sabe que muitas pessoas enlouqueciam, tinham de ser internadas? Era um confronto com elas próprias. Muita gente não seguia isso. Para mim, foi muito bom. Eu gostava disso. Sempre gostei dessa coisa meio isolada. Essas distâncias que eu tinha de percorrer sozinho me proporcionavam esse isolamento. Eu andava muito, a pé pro trabalho. Da minha casa ia para a casa do Vicente (Pereira). Era tudo longe, mas a gente ia a pé mesmo. Morava na 104 Sul. Também andava muito pela W3. Quando cheguei, ela ainda não era asfaltada.

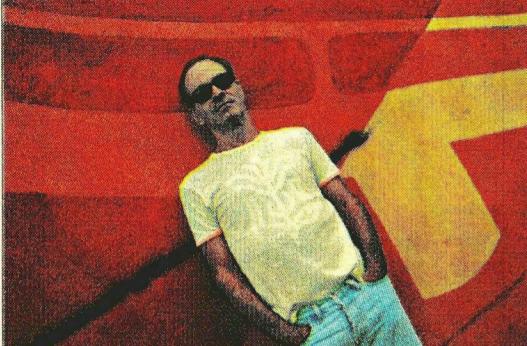
HBB

Trabalhei esse primeiro período em Brasília no Hospital de Base, prestando lâmina de biópsia. Quando voltei em 1968, pedi para o diretor do hospital me colocar trabalhando ou com loucos ou com crianças. Não tinha como ficar entre os loucos... E aí ele me botou na pediatria. Tinha uma escolinha e uma outra sala de recreação. Fui fazer recreação com as crianças. Conseguir, depois de muito tempo, sair com elas. Levava para o Jardim Zoológico, levava para outros lugares, pendurava três em mim... Mas era complicado, não tinha uma estrutura que me ajudasse. Havia comentários a meu respeito dentro do hospital porque eu brincava com as crianças. Homem não fazia isso, só mulher, o que gerava esses comentários, olha que loucura. E eu já era hippie, usava colares, era cabulado... Voltei algumas vezes ao hospital. Era o maior, que atendia Minas, Goiás... Já na época em que eu trabalhava, percebia que não dava conta da demanda.

A primeira vez

Cantei no Madrigal de Brasília, no coral do Elefante Branco. Participei de um grupo instrumental com quatro cantores: Lena, Glorinha, Tão e eu. Fizemos também um programa de tevê chamado *Dimensão*. O primeiro show meu foi no Cave do Roi. O dono do espaço viu o programa na tevê e me convidou para cantar lá. Olha, eu tive tanto medo! Foi a primeira vez que eu, sozinho, fui me apresentar para uma platéia. Me lembro que na estréia eu estava tão nervoso que ele me dava conhaque. E aí eu fiquei bêbado, e não conseguia afinar, não conseguia chegar nas notas... Fiquei com uma paroxysma de alcool tão grande que nunca mais coloquei álcool na boca. Mas fiz umas duas ou três semanas. Era gritava "liberdade" e o povo gritava junto. Foi muito legal. Eu entendi que podia ser cantor.

Fotos: Zuleika de Souza/CB



Artista tímido

Eu não seria Ney Matogrosso se não fosse Brasília. Sempre acho que eu era artista e que minha direção seria toda artística. Mas não tinha certeza do que seria. Quando vim para Brasília, tive contato com todas as artes. Fui fazer curso de teatro, cantei em coral, comecei a cantar sozinho. Em Brasília eu tinha liberdade. Não

tinha ninguém. Porque minha família era contra, meu pai era contra ter filho artista. E aí eu era dono do meu lar. Me aproximei então de todas as manifestações artísticas. No Rio de Janeiro eu não tive essa chance, no Mato Grosso muito menos. Aqui em Brasília eu entendi que era artista, que eu não podia fazer outra coisa. O Paulo Machado me convidou para cantar. Eu tinha feito um curso de teatro

para ver se eu conseguia existir mais tranquilamente, para ver se ficava mais sociável, para ver se conseguia pelo menos conversar com alguém! Eu era muito tímido, mas tímido de uma forma que me atrapalhava a viver. Nesse grupo conheci pessoas. Tudo o que fiz aqui foi curioso. Cantei no Elefante Branco, mas não estudava lá. Meus amigos eram todos da Universidade de Brasília, mas eu não fazia faculdade

nenhuma. Frequentava a universidade, ia ver as aulas. Brasília era 50 anos à frente do Brasil mesmo, em termos intelectuais e com uma proposta de vivência diferente.

Terra vermelha

A imagem mais marcante para mim é a da lama correio embaixo do meu bloco na 104 Sul. É muito

marcante. Eu nunca tinha visto isso, cair uma chuva e lavar uma cidade de lama, porque a cidade é toda inclinada para o lago... Uma loucura. Aqui corria por dentro do hall, vermelho! Isso me impressionava muito, o chão com aquela cor. Não era assustador, mas era completamente inesperado. E tinha uns redemoinhos que pegavam a gente em qualquer lugar, a qualquer hora, no meio da rua. Eram muitos.

aposentadoria. Eu não queria viver dessa maneira. O emprego foi circunstancial na minha vida. Fui chamado para trabalhar, trabalhei, fui embora. Quando vim a Brasília pedir demissão, eu não tinha garantia de nada, estava apenas começando a ensair com o Secos & Molhados. Pedi demissão porque eu tinha esse espírito livre. Brasília foi o que permitiu a mim chegar a esse espaço dentro de mim. E as pessoas me disseram que eu era louco, que eu estava abrindo mão da minha aposentadoria. Eu dizia: loucos são vocês.

W3

Não me esqueço da Bi-Ba-Bô porque o Vicente, que era muito debocado, escreveu uma peça em que a Miss Brasília falava que nunca esqueceria a Bi-Ba-Bô porque a Bi-Ba-Bô tinha patrocinado ela... Isso virou uma brincadeira e, afinal, a gente nunca mais iria esquecer a Bi-Ba-Bô. Eram vitrines enormes, onde uma noite eu vi uma onça enorme...

Campus

A UnB era um lugar muito atraente. Havia muitas atividades, festivais com filmes do mundo inteiro, apresentação de orquestras sinfônicas, em que a gente não precisava vestir nenhuma roupa especial. Da jeito que estou vestido, por exemplo, a gente sentava na grama e assistia a tudo de graça. Gostava muito do ambiente da UnB. Foi o primeiro lugar em que abri a boca para cantar em público.

Premonição. Ou não

Teve gente com quem eu trabalhei no Hospital de Base que me disse que tinha certeza que eu era artista e que eu seria um artista reconhecido. E disse que me tinha falado isso na época. Não me lembro, mas alguém pode ter falado mesmo.



A BRASIL TELECOM ESTÁ SEMPRE EM MOVIMENTO COM O DESENVOLVIMENTO SOCIAL.

A Brasil Telecom nunca fica parada quando o assunto é responsabilidade social. Por isso, investe nos diversos projetos sociais em Brasília e em todo o País. São milhares de crianças, adolescentes e adultos beneficiados com mais saúde, educação, inclusão digital e qualificação profissional. E é para que cada um possa continuar a ter mais valor e melhores condições de vida, que o apoio da Brasil Telecom está presente na vida de milhões de brasileiros.

Brasil Telecom. Sempre em movimento com a cidadania.

Brasil Telecom

Meninas inocentes

A Ana e a Marlui Miranda (a escritora e a cantora) eram meninas que moravam em frente à casa da Vanda Ottica, com quem eu morava. Eu saía todo dia para trabalhar e via aquelas duas meninas ali. Anos depois elas me contaram que diziam que me namoravam, que ficavam na rua para me ver passar. Mas elas eram crianças!

É proibido proibir

A gente sabia que em chácaras de deputados aconteciam festas mirabolantes. Eleição de Miss Brasil gay... Isso já se ouvia falar em 1962, 1963. Então era uma coisa que na sardinha rolava. Havia muita liberação, sim, em Brasília. Eu achava as pessoas muito liberadas. Ninguém tinha vínculo, ninguém tinha passado, estava todo mundo chegando, então tudo podia... Me recordo que depois das 10h da noite era uma gente muito louca que ficava na rua. Tudo podia. Você estava parado e, de repente, você via um carro passar tocando a buzina, você olhava e tinha uma pessoa nua na janela do carro. Eram umas coisas assim... Você não via isso em lugar nenhum, a não ser aqui. Foi aqui que eu ouvi falar em maconha. E não tinha um traficante, tinha uma pessoa com uma malha que

andava pelas casas e aí você dava um tênis e ela te dava uma mão de maconha. Era dessa maneira. E era muito liberado. Chegou a um ponto em que as pessoas fumavam maconha andando pela rua, no jardim das casas, de tardezinha, vendendo o pôr-do-sol. E a polícia não reprimia porque não sabia quem eram as pessoas. Porque era tudo misturado. Morava senador com servente, tudo na mesma quadra, no mesmo prédio. Até que chegou um momento em que resolveram fechar mesmo. Aí começou uma repressão.

Abertura

Eu ficava feliz, nos anos 60, ao voltar para Brasília, ficava emocionado quando sobrevoava Brasília. Hoje, especificamente, eu fiquei contente de ver a cidade toda verdinha, tão linda. Tive essa boa impressão.

Tenho um carinho por Brasília. Ela me permitiu me expressar. Ela me permitiu eu perceber como eu era. Manifestei minha sexualidade aqui. Antes eu tinha uma coisa na cabeça, talvez admitisse uma possibilidade, mas eu não tinha coragem. Aqui em Brasília eu diria aí eu acho que sim, por que não? O máximo que podia acontecer era eu experimentar e achar que não era aquilo. Brasília me proporcionou esse estado mental de abertura mesmo.

Ditadura

Não foi bom quando aquela gente ocupou a cidade. Uma vez, já mais tarde, o Secos & Molhados teve de fazer dois shows. Um, teoricamente, era para censura. Mas eles levaram as famílias, se instalaram, deram uma festa e assistiram à gente. Depois disso, minhas voltas sempre foram

conturbadas. Eu chegava em Brasília mas não podia anunciar que estava em Brasília. Me tiravam os teatros. Uma vez me largaram no teatro do Colégio Marista, onde nada aconteceu na época. Só deixaram eu fazer show lá, o da turnê *Homen de Neanderthal*. Outra vez, na época do *Bandido*, tiraram do teatro e só me deixaram fazer no late Clube, e assim mesmo sem anunciar para a cidade que eu estava aqui. Também cheguei a ficar dois anos proibido de vir aqui.

Havia uma relação de pessoas que não podiam pisar em Brasília. Eu era uma delas. Isso já pós-Secos & Molhados.

Manual

Vendi artesanato algumas vezes debaixo da Torre. Mas era extra-oficialmente. Não ia regularmente. Trabalhava com coro. Transformava o coro, usava umas

colas e uns vernizes, ficava parecendo vidro. Aprendi sozinho. Teve uma americana que queria me levar para Nova York, para fazer essas coisas e vender lá. Mas ela era muito doída!

Dizem que estou louco

Não foi nada difícil abandonar a carreira de funcionário público e vir artista. Brasília me deu exatamente esse sentido de liberdade. Imagina: eu ter coragem de assumir minha sexualidade para mim, claramente, sem nenhum distúrbio. Imagina: se Brasília me oferecesse essa, ela me ofereceu toda a liberdade. Me ofereceu a liberdade. Eu achava uma tristeza alguém viver funcionário público, batendo cartão a vida inteira, sem nenhum prazer, pensando apenas em 25 anos à frente, na

(QUEM É)

Ney Matogrosso, 63 anos, é um dos mais destacados intérpretes da música brasileira. Viveu em Brasília nos anos 1960 e daí saiu para virar mania nacional com o grupo Secos & Molhados. Depois seguiu carreira solo, sempre com enorme repercussão, elogiado pela crítica e adorado pelo público. Vive no Rio de Janeiro. No próximo dia 7 de maio passa pela capital com a turnê *Vagabundo*, junto com o grupo Pedro Luis e a Parede.

O que é o que é